

A HOMOSSEXUALIDADE NO UNIVERSO INFANTIL DE GULLIVER

MIRIAN FREITAS E SÔNIA MARTA COELHO PEREIRA*

Mestres em Literatura Brasileira pelo
Centro de Ensino Superior de Juiz de
Fora - CES-JF.

N

este trabalho abordaremos o grupo minoritário que utiliza a literatura homoerótica através da obra “O gato que gostava de cenouras”, de Rubem Alves. Na obra citada, o autor trata da questão da homossexualidade de maneira a atingir o público infanto-juvenil com um texto leve, porém profundo nas reflexões acerca do tema.

Palavras-chave: Literatura. Homossexualidade. Preconceito.

Resumo

Enquanto a sociedade feliz não chega, que haja pelo menos fragmentos de futuro em que a alegria é servida como sacramento, para que as crianças aprendam que o mundo pode ser diferente. Que a escola, ela mesma, seja um fragmento do futuro...

Rubem Alves

Rubem Alves nasceu no dia 15 de setembro de 1933. Sua família mudou-se, em 1945, para o Rio de Janeiro. No período de 1953 a 1957, estudou Teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas, em São Paulo. Transferiu-se, em 1958 para Lavras, em Minas Gerais, onde exerceu as funções de pastor naquela comunidade até 1963. Em 1968, foi perseguido pelo regime militar. Abandonou a igreja presbiteriana e foi com a família para os Estados Unidos, fugindo das ameaças que recebia. Lá, tornou-se Doutor em Filosofia (Ph.D.) pelo Princeton Theological Seminary. De volta ao Brasil, foi contratado para dar aulas de Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, em São Paulo. Em 1971, foi professor-visitante no Union Theological Seminary. Em 1973 transferiu-se para a Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP –, onde atuou como professor-adjunto na Faculdade de Educação, professor-titular de Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH –, professor-titular na Faculdade

de Educação e professor livre-docente. No início da década de 80, tornou-se psicanalista pela Sociedade Paulista de Psicanálise. Em 1988, foi professor-visitante na Universidade de Birmingham, Inglaterra. Posteriormente, a convite da “Rockefeller Foundation”, fez “residência” no “Bellagio Study Center”, na Itália. Afirma que é psicanalista, embora heterodoxo, pois nele reside a crença no mais profundo do inconsciente, onde mora a beleza do *homo globalizadus* que busca satisfazer desejos, muitas vezes além de suas reais necessidades. É autor de inúmeras crônicas, livros infantis, livros de filosofia, de ciência e de educação, filosofia da religião e autor da biografia de Ghandi.

Rubem Alves tem desenvolvido sua teoria e prática psicanalítica em torno da ideia de que o inconsciente é a fonte da arte e da beleza, rompendo com a tradição psicanalítica que descreve o inconsciente como um subuniverso, com um repertório de traumas, repressões e negações, juntamente com impulsos animais destrutivos. Alves defende uma atuação focada na visão de beleza da pessoa por ela mesma, impulsionando-a a lutar contra o que a oprime e subjuga. Afirma ainda que a psicanálise deve se libertar de dogmatismos científicos e que “parte de nossa neurose é o desejo onipotente de ter os nossos bolsos cheios de verdades e certezas”. (SANTANA, 2010).

Em seu livro, **O gato que gostava de cenouras** (2001), Alves aborda o tema da homossexualidade e, na busca de entendermos melhor essa questão, daremos uma volta na história da sexualidade no mundo, pois, por ela ser cultural, é a sociedade quem lhe confere o erotismo, conforme os valores que se afinam à sua moralidade.

Na antiguidade, não havia necessidades políticas, econômicas ou sociais de se distinguir o homem da mulher, já que ela vivia à margem da sociedade e à sombra dos seus senhores, sendo sua função, quase sempre, a de servi-los.

A chegada do século XVIII traz uma grande mudança. A ciência e a moral separam homens e mulheres. São criados papéis específicos para cada um, com pudores completamente antagônicos. Até então, as relações sexuais entre homens eram vistas sem preconceitos, em sua maioria, como mostra a história da humanidade.

“Na antiguidade a beleza dos corpos masculinos era valorizada entre os homens, que acabavam seduzidos uns pelos outros e se entregavam às paixões homoeróticas de corpo e alma. Assim aconteceu em Esparta, Alexandria, Roma e Atenas (entre outras). Uma peculiaridade da cultura grega da antiguidade é que o interesse entre os homens advinha da valorização da sua capacidade de pensar. Acreditava-se que as mulheres eram inferiores porque não tinham essa capacidade, portanto se destinavam apenas à reprodução. Em algumas ilhas do pacífico, o primogênito (desde que seja homem) é educado com hábitos femininos (vestimentas, funções e posição social), e orientação sexual homoerótica. É normal e natural que se case com um homem.” Disponível em < [tp://www.sexualidadevida.com.br/homossexualismo.php](http://www.sexualidadevida.com.br/homossexualismo.php) >

A partir desse momento, esses relacionamentos passam a ser chamados de homossexuais e considerados como indignos, doentios, anormais. Assim nasceram os estereótipos que perduram até os dias atuais, que tratam a homossexualidade como aberração.

Na década de 60, esse pensamento sofre algumas mudanças positivas, pois a cultura homossexual cria identidades mais sólidas através dos movimentos gays, implementadas pelo movimento GLBT no Brasil e no mundo, que busca romper com estereótipos negativos, exercitando uma consciência coletiva positiva e solidária com os seus iguais.

Ao abordarmos o discurso literário de grupos minoritários, ou seja, a literatura homoerótica, devemos ter em mente que as minorias sob esse aspecto não representam número menor, mas sim, grupos sem voz. Herbert Daniel (1983) enfatiza essa questão por um outro olhar quando fala sobre diferença entre a forma e o conteúdo da repressão que pesa sobre a minoria homossexual. Segundo ele, não é por serem oprimidos que os homossexuais se tornam uma minoria. Eles se tornam homossexuais por serem inventados, moldados, enquanto minoria.

Tratar da literatura homoerótica ainda é tão complicado e difícil quanto discutir sobre o desejo homoerótico em si, haja vista os preconceitos, mesmo por parte de professores, que ainda resistem em colocar tal literatura no mesmo patamar de outros textos literários e cânones.

Se pensarmos na literatura infantil ou infanto-juvenil, o tabu é ainda maior. Apesar de as crianças conviverem e verem na TV os relacionamentos homossexuais, aparentemente, dentro das salas de aula, ou até propositalmente, esse tema deixa de existir.

A maioria dos estudiosos sobre o assunto concorda que o Brasil iniciou-se no campo da literatura homoerótica com **Bom-Crioulo** (1895), do cearense Adolfo Caminha e, apesar das críticas de alguns segmentos da sociedade e das rejeições do mercado editorial, fazem parte da produção literária brasileira textos gays e lésbicos. Isso se intensifica nas ideias e pensamentos libertários da contracultura dos anos 60/70, mas é a partir das décadas de 80/90, quando a homossexualidade deixa de ser considerada doença pelo Conselho Federal de Medicina, com a luta dos movimentos gay-lésbicos e em defesa dos direitos deles, que acontece, verdadeiramente, o início do respeito a essa literatura.

Vários autores discorrem sobre este assunto, tais como Foucault, ao afirmar que com o repúdio da cultura cristã sobre o homoerotismo, a literatura homoerótica “concentra sua energia no próprio ato sexual, uma vez que lhes foi negada a expressão cultural necessária a essa elaboração” (FOUCAULT, 1986, p. 79). Jurandir Costa Freire afirma que o advento da Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida – AIDS – aumentaram muito os escritos da literatura homoerótica.

A partir do fato de que o imaginário do homossexual na sociedade e de que o ato de escrever e a própria escritura têm sido lugar especial de livre expressão, analisaremos uma obra de um escritor heterossexual que enfoca a literatura homoerótica sob a perspectiva

infanto-juvenil. Ruben Alves busca tratar do tema com a seriedade que merece a literatura direcionada para tal público, dando-lhe a beleza e o respeito que todos os relacionamentos de todas as pessoas merecem receber. Tentaremos verificar a análise de discurso como dispositivo para compreender o processo discursivo que constitui institucionalmente o espaço da escrita homoerótica.

Desse modo, o foco analítico aqui não se liga diretamente ao fato de tais escrituras tecerem narrativas que envolvam relações entre parceiros do mesmo sexo. Trata-se, antes, do viés discursivo por onde a escrita articula algo que, na vizinhança dela, vai advir como sujeito homoerótico. A análise que iremos desenvolver, nesse caso, pressupõe uma ordem discursiva que investe no imaginário sobre quem é quem nas relações entre masculino e feminino.

Ruben Alves, em sua obra **O gato que gostava de cenouras**, utiliza-se dos animais e suas preferências para demonstrar que podemos ser felizes mesmo gostando do diferente. O personagem principal, Gulliver, é um gato que frustra as expectativas e investimentos dos pais, pois, contrariamente à simbologia do seu nome, que remete ao aventureiro Gulliver, do clássico **As aventuras de Gulliver**, de Jonathan Swift, ele não era forte nem destemido como a personagem popular e universalmente conhecida da literatura infantil inglesa. Apostando na escolha de seu nome, os pais “sonhavam que ele seria um gato enorme, forte, valente, caçador.” (ALVES, 2001, p. 6), mas Gulliver gostava de sentir emoções e comer cenouras, pois, em oposição à sua espécie, ao invés de ratos, esse felino gostava de cenouras. Portanto, Gulliver nega duplamente a sua identidade, porque contraria os pais em relação às expectativas do significado mítico do seu nome e também nega a sua condição de felino, não sendo carnívoro como os demais da sua raça. Aliás, o vegetarianismo, nesse caso, nos remete ao fato de que o gato Gulliver tinha preferências diferentes dos outros comuns à sua espécie:

Mas para o espanto de seus pais, Gulliver era um gato diferente. Não gostava de caçar. Não gostava de comer nem peixes, nem ratos, nem pássaros. Seus pais lhe traziam deliciosos ratinhos recém-nascidos, pardais saborosos, peixes cheirosos, tudo em vão. Ele quase vomitava. (ALVES, 2001, p. 6).

Dessa forma a personagem rompe com o comportamento “normal e socialmente esperado” de todo gato. O fato de ele gostar de comer cenouras faz referência ao símbolo fálico, uma vez que esse vegetal, como a maioria dos legumes, tem um significado erótico, sexual. Com exemplo da mitologia egípcia e indiana, o simbolismo alimentar da comida é arquétipo:

o antigo simbolismo, isto é, “põe para dentro,” razão por que o comer, digerir e assimilar o mundo se manifesta como superar e apoderar-se do mundo. (...) Quando dizemos que a mente

consciente “assimila” um conteúdo inconsciente, não estamos expressando muito mais do que aquilo que está implicado no símbolo do comer e do digerir. O interior é experimentado no exterior, como dizemos. Na verdade, algo externo é experimentado simbolicamente, isto é, como “saturado” de um conteúdo que, por considerá-lo psíquico-espiritual, associamos à própria psique (...) O ato da conscientização é vivido do esquema elementar da nutrição e o ato ou ritual do comer concreto é a primeira forma de interiorização e conscientização conhecida da humanidade. (NEUMANN, 1995, p. 41).

Assim percebemos que Gulliver, ao comer cenouras, exterioriza sua atitude homossexual ainda desconhecida por si próprio, através do alimento, do ato de comer.

Nessa história dedicada ao público infanto-juvenil é oferecido um modelo alternativo de relação afetivo-amorosa, que admite um leque maior de possibilidades para o gato, de normatizações diferenciadas e questionadas para os padrões masculino e feminino institucionalizados. E, além de essa obra favorecer a discussão e a informação sobre um tema ainda tão polêmico e cercado de tabus que, certamente, merece receber maior atenção por parte dos educadores e educandos, a história também proporciona aos pequenos leitores e ao professor redimensionarem esse tema a um estudo científico que explica, segundo pesquisas já realizadas, o homossexualismo no mundo animal. A homossexualidade de Gulliver é um fenômeno comum e frequente no mundo animal.

Um dos textos apresentados numa exposição sobre homossexualidade entre animais no Museu de História Natural de Oslo, Noruega, dizia que entre os animais do mesmo sexo, muitas vezes, não há apenas relações sexuais breves, mas parcerias duradouras, que podem continuar pela vida inteira.

Os pais do gato, desconhecendo o motivo de suas preferências, levaram-no ao médico. Foi examinado e, após um exame detalhado, constatou-se que “a doença dele – se é que é doença” não estaria no corpo. “O corpo está direitinho” (ALVES, 2001, p. 6). Não concordando com tal diagnóstico, eles passam a seguir Gulliver e descobrem o inesperado: ele gostava de comer cenouras. Como acontece nas minorias homoeróticas, a família prefere não ver ou tentar resolver tal problema através da medicina, da religião, de discursos que buscam moldar os corpos aos padrões naturais e previamente esperados socialmente. Nunca se pensa em conversar, em ouvir o outro e compreender que os seres vivos não são máquinas projetadas para isto ou aquilo, que ao longo do caminho vão aparecendo orientações, que nem sempre correspondem ao padrão esperado segundo a sociedade. Gulliver, tendo que se “enquadrar no mundo dos gatos”, engoliu (sem mastigar, pois o nojo era grande) um rato que lhe passaram. Mas vomitou. “O corpo e a sensação corporal é autoerótica-narcisista”. (NEUMANN, 1995, p. 41). O fato de ele vomitar relaciona a repulsa do seu inconsciente àquilo que não lhe proporciona prazer, podendo essa atitude da personagem ser ilustrada pelo verso de Caetano Veloso: “é que Narciso acha feio o

que não é espelho”. (VELOSO, 1990). Também podemos nos remeter a Foucault (1987) ao dizer que as disciplinas que permitem o controle sobre as operações do corpo tentam forçar uma relação de utilidade-docilidade.

Alves enuncia que Gulliver era muito sozinho, comportamento muito comum àqueles que não têm voz na sociedade por serem diferentes dos padrões regularmente impostos: “Era por isso que andava sempre sozinho. Preferia a solidão. Ninguém o entenderia.”. (ALVES, 2001, p. 8). Furtivamente comia suas cenouras provenientes de uma horta: “Foi então que Gulliver, depois de olhar para um lado e para o outro, para certificar-se de que ninguém o via, começou a fazer a coisa proibida, horrível, desprezível para um gato. Começou a comer cenouras.” (ALVES, 2001, p. 8). O fruto proibido “cenouras”, que na sociedade dos felinos só os coelhos comem, poderia ser o mal maior, a ruína de um gato: “O fato é que os pais ignoravam que Gulliver comia escondido, comia uma comida proibida, comia cenoura. Já imaginaram? Um gato comendo cenoura como se fosse um coelho?” (ALVES, 2001, p. 6). Ele representa toda a dimensão dos limites da existência e as restrições à verdadeira face narcisíaca de Gulliver. Por isso, identificamos, na passagem bíblica, o que foi anunciado ao homem em sua criação: “Mas, do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais.”. (BÍBLIA, Gn, 3: 3). Observamos que, desde a Criação, os homens estabeleceram o tabu do pecado, do “fruto proibido”. Assim como Gulliver, Eva comeu da “comida proibida” e foi amaldiçoada e condenada por Deus, lançada, juntamente a Adão, seu esposo, para fora do Jardim do Éden.

Por tudo isso, cabe-nos a pergunta: qual seria a verdadeira origem do preconceito sexual? Na Grécia Antiga, era disseminado o pensamento ortodoxo e social que incriminava os homossexuais:

The notion that the fulfillment of sexual desire, or the desire itself, was a matter to be regulated by religious teaching, by a presume universal moral law delivered and interpreted dogmatically by a priestly caste, would have been unthinkable to most Greeks of that period. (...) Though there are a number of Greek texts that satirize effeminate males, and others – both literary and legal – that suggest it is unmanly behavior to accept passive role in sexual intercourse after passing a certain age, there is a little evidence that the Greeks found homosexual desire or its practice to be a matter for religious or even for much legal or social regulation. (FONE, 1998, p.12).

Vimos que, assim como Gulliver, os homens sofreram no passado e ainda sofrem com os estigmas que a sociedade lhes impõe e, em muitos casos verídicos e infelizmente trágicos, saltam para fora da ponte da vida, ao se verem excluídos diante de uma sociedade cristã que desconhece o direito ao amor. Portanto, essa obra, de imprescindível valor temático, faz-se leitura necessária nas salas de aula das escolas de público infanto-juvenil, pois acreditamos que, através da leitura,

há transformação e ela, por sua vez, acrescenta ao público infantil e aos adolescentes qualidades imprescindíveis à sua formação, à sua cidadania. É preciso reconhecer que todos têm o direito de viver no Jardim do Éden. Gatos e coelhos, com suas diferenças, possuem o mesmo direito: o da igualdade. Percebemos, então, que, na narrativa de Alves, ao chamarem Gulliver de coelho por suas preferências vegetarianas, os demais personagens estabelecem um parâmetro preconceituoso, pois chamá-lo coelho nada mais é que nomear-lhe com apelidos estereotipados, relacionados à sua condição sexual. Os seus próprios pais comparam-no a um coelho quando descobrem suas tendências. Vimos que o preconceito é tão drasticamente enraizado que cega as razões daqueles de seu próprio sangue. Ao levá-lo ao padre D. João Severo – cujo nome é uma ironia, porque Severo significa de personalidade rígida, inflexível –, ele é acusado por compartilhar do Mal, pois:

Deus, gato Supremo, determinara que rato, passarinho e peixe são os manjares dos deuses. Assim, por determinação do Deus-Gato, gatos têm de comer ratos, passarinhos e peixes. Comer cenouras é pecado mortal. É contra a natureza. Aí lhe falou sobre o inferno. (ALVES, 2001, p. 10).

Verificamos, mais uma vez, que a influência da Igreja, contrariamente aos princípios humanos, condena o homossexualismo. O autor, como conhecedor da religião, evidencia o preconceito sexual através dessa história que, aparentemente, é apenas uma historinha infantil, porém, percebemos sua intenção de informar e educar as crianças sobre o polêmico e tão temeroso assunto da homossexualidade.

Após as sessões de psicanálise, Gulliver ainda se desconhecía e sofria por se sentir um estrangeiro dentro de seu próprio mundo. Por sorte, um professor na escola reconheceu que o gato precisava de cuidados especiais. Chamou-o para conversar. Então o dilema do gato foi-lhe explicado sugestivamente pelo professor que abordou, didaticamente, os conhecimentos da ciência os quais esclareciam as diferenças de cada um.

A genética nos conta que nosso destino está gravado nas células de nosso corpo num disquete muito, muito pequeno chamado DNA. Ele já está no feto antes que o bichinho nasça. (...) E o DNA é implacável: aquilo que a natureza fez ninguém é capaz de desfazer. (ALVES, 2001, p. 14).

Rubem Alves inseriu aqui uma explicação genética para a homossexualidade, retratando-a didaticamente com explicações plausíveis e verdadeiras sob o aspecto cientificista.

O autor chegou a citar o compositor Prokofieff e sua canção “Pedro e o Lobo”, em que há um gato que tocava clarineta: “Parece

que esse é o caso com aqueles que tem uma dieta de amor diferente daquela reconhecida como padrão. O padrão é gato comer rato. Mas você gosta de cenoura.” (ALVES, 2001, p. 14). O professor ainda acrescenta que “Por vezes o DNA se engana para melhor.” (ALVES, 2001, p.16). E assim foi tecendo comentários comparativos que enterneceram Gulliver e fizeram-no entender que ser diferente não era um erro, tampouco um engano, afinal existiam os canhotos que funcionam ao contrário da normalidade, daltônicos que podem ver cores que nenhum outro enxerga. Por fim, o pequeno felino entendeu que a pessoa nasce para o que é.

Os homossexuais, explica ainda o professor, são aqueles que se emocionam, interessam-se por aqueles que têm corpos iguais ao seu, lembrando Narciso,² que se apaixona por sua própria imagem, diferente dos heterossexuais, que se apaixonam por pessoas do outro sexo. O gato se sente feliz, afinal encontra alguém que o entende e, principalmente, que não o vê como anormal, doente, “bichinha” ou qualquer outro adjetivo preconceituoso. O professor não quer consertá-lo para que fique igual aos outros, afinal, Gulliver não quer ser igual a ninguém, ele apenas quer que os outros o deixem ser o gato que ele é, gostando de cenouras, e não de ratos.

Esse texto, como muitos outros já escritos em épocas diferentes, retrata o preconceito sexual. A história da homossexualidade está relacionada à tragédia “a transgressão, a *Hbris*, revela-se, de modo característico, a recusa, do ponto de vista da Grécia patriarcal.” (NEUMANN, 1995, p. 42), por isso nos certificamos, em outras obras homoeróticas, como em Lúcio Cardoso e Caio Fernando Abreu, que o amor dos homossexuais revela um sentimento de culpa, de aprisionamento. Por preconceito da sociedade, pode sucumbir-lhe o direito à vida e causar-lhe a tenra e tensa sensação de viver o proibido: “E a cada dia ampliava-se na boca aquele gosto de morangos mofando, verde doentio guardado no fundo escuro de alguma gaveta.”. (ABREU, 2005, p. 142).

O texto de Alves é escrito numa linguagem própria para o público de literatura infanto-juvenil. Aborda a literatura homoerótica de forma sutil e discute preconceitos e sofrimentos vividos pelos homossexuais dentro de suas famílias e nos meios sociais nos quais convivem. Essa abordagem, delicada e profunda, demonstra às crianças e aos adolescentes que homossexualidade não é doença nem do corpo nem da cabeça, é uma orientação sexual pessoal, como é a dos heterossexuais, mas por serem aceitos como normais pela sociedade, não causam estranheza, mesmo que sejam vividas sob o rótulo das aparências.

Em resumo, apropriaremos-nos das palavras de Alves no livro **O gato que gostava de cenouras**, em que Gulliver queria ter amigos, porque amigo é isso, alguém de quem não é preciso se esconder. Seu único desejo era ser ele mesmo, um gato vegetariano que só comia cenouras. A voz do poeta homossexual norte-americano Walt Whitman remete-nos a Gulliver e ao desfecho de sua história: “Existo como sou, isso é o que me basta.” (WHITMAN, 1998).

Narciso era um jovem e belo rapaz que rejeitou a ninfa Eco, que desesperadamente o desejava. Como punição, foi amaldiçoado de forma a apaixonar-se incontrolavelmente por sua própria imagem refletida na água. Incapaz de levar a termos sua paixão, Narciso suicidou-se por afogamento. O mito tem uma influência decidida na cultura homoerótica inglesa Vitoriana, por via da influência de André Gide no seu estudo do mito *Traité du Narcisse* (O tratado de Narciso, 1891), e da influência de Oscar Wilde.

ABSTRACT

In this paper we discuss the minority group that uses homoerotic literature through the work of **O gato que gostava de cenouras**, by Rubem Alves. In the work, the author addresses the issue of homosexuality in order to reach children and youth with a light text, however, profound reflections on the subject.

Keywords: Literature. Homosexuality. Prejudice

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ALVES, Rubens. **O gato que gostava de cenouras**. São Paulo: Loyola, 2001.

BÍBLIA. Português. 2006. **Bíblia sagrada**. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2006.

FONE, Byrne. **The columbia anthology of gay literature**. New York: Columbia University Press: 1998.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade II: nós os vitorianos**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

MÍCCOLIS, Leila; DANIEL, Herbert. **Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

NEUMANN, Erick. **História da origem da consciência**. Cultrix: São Paulo, 1995.

SANTANA, Luciana. **Rubem Alves**. 22 set. 2008. [on-line] Disponível em: www.infoescola.com/escritores/rubem-alves/. Acesso em: 24 maio 2010.

SANTOS, Célia Regina dos; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: BONNICI, Thomas Bonnici e ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SODRÉ, Muniz Araújo Cabral. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

TESON, Nestor Eduardo. **Fenomenologia da homossexualidade masculina**. São Paulo: EDICON, 1989.

VELOSO, Caetano. **Sampa** In: Álbum: Sem lenço sem documento: O melhor de Caetano Veloso Estilo: Música Brasileira . Gravadora: UNIVERSAL Selo: Polygram: 1990.

WHITMAN, Walt. **Folhas das folhas de relva**. Brasiliense: São Paulo, 1998.